

## Metodologias e repertórios para o ensino coletivo de instrumento: relato de experiência em duas escolas especializadas

### Comunicação

*Lissa Hishinuma*

*Universidade do Estado do Pará (UEPA)*

*[lissahishinuma@gmail.com](mailto:lissahishinuma@gmail.com)*

*Ramon Mateus Pinheiro Mendes*

*Universidade do Estado do Pará (UEPA)*

*[ramonemat29@gmail.com](mailto:ramonemat29@gmail.com)*

*Dione Colares de Souza*

*Universidade do Estado do Pará (UEPA)*

*[dione.colares@uepa.br](mailto:dione.colares@uepa.br)*

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade relatar a vivência musical no ensino coletivo de instrumentos em escolas especializadas. Observaram-se dois grupos, sendo um de coral de flautas transversais e o outro de orquestra de cordas. Tais grupos foram acompanhados durante o período de estágio curricular supervisionado em um curso de Licenciatura Plena em Música, em Belém do Pará. Objetiva-se analisar os aspectos trabalhados no ensino coletivo que complementam a abordagem tradicional, bem como as metodologia e os repertórios utilizados para o ensino-aprendizagem nos ensaios-aula. A metodologia utilizada para a investigação foi a observação participante, com o uso de diários de bordo e relatórios semanais para a coleta de dados. Assim, constatou-se a eficiência das metodologias abordadas, bem como a contribuição dos repertórios escolhidos para a ampliação do conhecimento musical dos alunos, do modo de criar um ambiente colaborativo e acolhedor para os estudantes de diversos níveis.

**Palavras-chave:** Educação Musical, Ensino Coletivo de Instrumento, Metodologia.

### Introdução

O Ensino Coletivo de Instrumento é uma prática que tem cada vez mais aumentado no Brasil, inclusive em escolas especializadas (Tourinho, 2003, p. 1). Assim, o ensino coletivo de música visa suprir aspectos e até contrariar certas abordagens pedagógicas amplamente

adotadas pelo ensino dito “conservatorial”, que ainda predomina fortemente, tanto no aspecto da metodologia, quanto nos repertórios utilizados. O ensino coletivo, no entanto, visa criar um ambiente colaborativo, centrado no aluno, que promova a inclusão, a autonomia e a eficiência no aprendizado. Tal temática é abordada por autores tais como, Stervinou (2014), Swanwick (1994) e Tourinho (2003, 2007), que forneceram o aporte teórico para a realização de inúmeras reflexões acerca da temática que emerge da experiência de campo em Estágio Supervisionado.

Algumas questões irão nortear as reflexões acerca do ensino coletivo de instrumento, tais como: Quais as habilidades musicais que podem ser desenvolvidas no ensino-aprendizagem em grupo? Como se realiza a prática do ensino coletivo de instrumento? Quais os princípios que norteiam esse tipo de prática? e, Quais os repertórios utilizados?

Tendo em vista tais questões, o presente artigo relata a experiência proporcionada pelas etapas de observação e participação em campo durante o Estágio Curricular Supervisionado, que possibilitou o acompanhamento de duas turmas de ensino coletivo, a saber, turma de “Coral de Flautas Transversais”- que será denominada de “Turma A” e a “Orquestra de cordas”- que será denominada de “Turma B”.

Para este estudo, objetiva-se analisar os aspectos trabalhados no ensino coletivo que complementam a abordagem tradicional, as metodologias utilizadas nas aulas/ ensaios para o ensino-aprendizado de repertórios e técnicas, bem como os repertórios utilizados nas atividades observadas.

Nesse sentido, foi utilizada a observação participante e a coleta de dados ocorreu por meio do Diário de Bordo e do Relatório Semanal, ambos elaborados no período de dois semestres para o Estágio Curricular Supervisionado em um curso de Licenciatura Plena em Música, durante a etapa de participação em campo, com foco nos aspectos voltados às metodologias e repertórios aplicados em sala aula, bem como seus efeitos educacionais.

Para discorrer sobre a temática proposta, o desenvolvimento do presente artigo está estruturado em três tópicos que abordam reflexões sobre o ensino coletivo de instrumento,

bem como a experiência de observação e participação em duas turmas no decorrer do estágio em campo, Turma A e Turma B. Nesses tópicos abordaremos aspectos da metodologia e de repertórios utilizados no processo de ensino coletivo de instrumento.

## Reflexões sobre o Ensino Coletivo de Instrumento

O ensino coletivo é um método excelente para iniciar a educação musical por várias razões: os alunos se motivam para tocar, colaboram no aprendizado musical do grupo, aprendem a ouvir a si mesmos e aos outros, desenvolvem habilidades na técnica do instrumento escolhido e também em outros instrumentos presentes no grupo (Stervinou, 2014, p. 31-32). Além disso, também desenvolvem habilidades de leitura de partituras e aprendem a conviver em grupo, respeitando outros músicos e se comprometendo com o coletivo de pessoas.

Complementando essa ideia, a instrução musical em grupo é uma excelente abordagem para enriquecer e ampliar o ensino de um instrumento (Swanwick, 1994, p. 2). Swanwick (1994), porém, não defende que essa seja a única forma de ensino, nem menospreza as aulas individuais. Desse modo, o autor visa destacar alguns dos potenciais benefícios do aprendizado coletivo como uma estratégia efetiva no ensino de instrumentos musicais.

Dentre as estratégias abordadas pelo autor, é pontuada a participação em atividades musicais em grupo, visando proporcionar diversas oportunidades para diversificar as experiências do aluno, incluindo a avaliação crítica das performances de colegas, a vivência de apresentações públicas, e a incorporação de elementos de imitação e comparação no processo de aprendizagem musical (Swanwick, 1994, p. 2). Deste modo, o autor defende que o aluno sente uma forte motivação para observar e, de certa forma, "competir" com colegas de maneira construtiva, podendo ter um impacto mais imediato do que quando recebem instruções de forma individualizada de professores.

Uma das questões a serem destacadas quanto à metodologia de ensino musical em grupo é abordada por Tourinho (2007, p. 5), que delinea características essenciais do ensino coletivo de música, ressaltando princípios fundamentais que norteiam essa abordagem. Primeiramente, destaca-se a crença de que todos têm a capacidade de aprender a tocar um instrumento musical, independentemente do nível inicial de habilidade. Essa perspectiva inclusiva permeia a concepção do processo de ensino.

Além disso, a autora também enfatiza a ideia de que os alunos são agentes ativos em seu próprio aprendizado, promovendo a autoaprendizagem e a autoavaliação (Tourinho, 2003, p. 80). A personalização do ensino é um ponto crucial, evidenciando que as aulas são planejadas considerando as particularidades de cada membro do grupo. Nesse contexto, a autonomia dos alunos é encorajada, estimulando-os a assumir responsabilidade por seu progresso musical.

Outro aspecto a ser destacado é a organização da aula de forma a eliminar lacunas temporais e ociosidade. O ensino coletivo busca manter um fluxo contínuo de aprendizado, otimizando o tempo de aula e proporcionando um ambiente dinâmico. Adicionalmente, a abordagem considera a possibilidade de ausências dos alunos e propõe estratégias para gerenciar essas situações, assegurando a continuidade eficaz do processo de ensino.

Quanto ao repertório, há uma abordagem crítica relacionada à estabilização do repertório e dos métodos relacionados ao ensino de instrumentos de orquestra, no sentido de que há uma limitação do ensino- aprendizagem musical devido à extrema repetição de obras orquestrais, o que pode afetar de forma negativa tanto o quesito emocional, quanto o imaginativo, segundo Small (1987, p. 6), podendo assim tornar-se um entrave na questão da aprendizagem dos alunos.

Corroborando com a ideia, Ramos (2003, p. 9.) afirma que os alunos desenvolvem seu repertório através das experiências musicais que vivenciam em contextos familiares, na mídia e no ambiente escolar, ou seja, a música consumida e preferida por eles, de certa forma são aquelas mais próximas às suas realidades cotidianas. No entanto, embora seja importante a

inclusão de tais obras para maior interesse de aprendizado dos alunos e/ ou do público-alvo de uma apresentação, não se pode resumir os repertórios musicais estudados somente a um limitado gênero, desse modo, percebe-se a necessidade de ampliar a vivência musical do aluno.

## **Turma A: Coral de Flautas Transversais**

A turma A é um projeto de extensão denominado “Coral de Flautas Transversais”, uma iniciativa elaborada em uma escola pública de ensino especializado em música, em Belém, cujo público alvo são alunos internos e externos à instituição, selecionados por meio de um processo seletivo em forma de teste de habilidades com banca examinadora. O grupo atualmente possui 20 integrantes e é composto por indivíduos entre 14 e 25 anos de diversos níveis de aprendizagem teórica e instrumental, os quais foram observados no período de abril a dezembro de 2023.

### **Metodologia observada na Turma A**

O grupo é formado por aproximadamente 20 alunos de diversos níveis de domínio teórico e técnico do instrumento, contexto que possibilita uma melhor troca de conhecimento entre os discentes, permitindo o desenvolvimento de todos. Tal situação somente é possível devido à aplicação do chamado “Arranjo Didático”, que segundo Silva (2017):

Enquanto o termo arranjo está relacionado a mudanças feitas nas estruturas de uma música, o termo didático, segundo o minidicionário Aurélio (2014) está relacionado ao ensino ou é próprio dele, portanto o termo arranjo didático caracteriza-se pelas mudanças feitas nas estruturas de uma música com a intenção de ensinar conhecimentos para o desenvolvimento de habilidades e competências musicais. (Silva, 2017, p. 2)

Isto é, os arranjos utilizados pelo Coral- divididos em quatro ou cinco vozes- são adaptados de modo que as vozes I e II, são tocadas pelos alunos com maiores níveis de

conhecimento técnico, enquanto, as vozes III - V possuem linhas mais simples, permitindo desse modo, que todos possam aprender e possam tocar no grupo.

Em relação aos ensaios, antes de iniciá-lo, com a ajuda de um afinador presente no celular, o professor passa de aluno em aluno auxiliando no processo de afinação do instrumento. Após finalizar esse processo, pede para que todos toquem simultaneamente a nota “lá”. A aula é sempre dividida em duas partes: momento para relembrar e melhorar aspectos técnicos e o momento da prática de repertórios diversos, os quais variam de acordo com a programação da agenda de apresentações do grupo.

Embora a dinâmica de ensino aplicada ao Coral de Flautas Transversais seja menos tradicional, para os trechos mais difíceis de serem executados ou para os trechos que ainda não são executados corretamente, fatores como leitura rítmico-melódica, sonoridade, dinâmica, etc. são trabalhados comumente por meio da metodologia da repetição e imitação, muito comum no ensino dito conservatorial. Barrenechea (2003) afirma que no ensino conservatorial é a figura do professor que detém e transmite o conhecimento de forma essencialmente oral, além de haver uma forma de ensino repetitiva, uma vez que a propensão de tal modelo é o repasse de saberes pelos docentes, da mesma forma que lhes foram ensinados.

## **Repertório da Turma A**

Os profissionais que atuam na Turma A buscam o ensino- aprendizagem de forma a continuar executando o repertório e as metodologias europeias, mas também incluindo e valorizando a produção local e as músicas de massa. Isso é realizado por meio da ecleticidade no que se refere à escolha do repertório musical, pois a prática de músicas como “Andante em C”, de Mozart, devem ser tratados com a mesma importância que “Flautas no Bregaço” (Medley de Bregas para Flauta Transversal), todas com suas peculiaridades sonoras respeitadas, por meio da análise, correção e condução do maestro.

**Figura 1:** Trecho musical do Medley “Flautas no Bregaço”.



Fonte: arranjo elaborado pelo aluno Anderson Leal, 2022, não publicado.

Esse trecho musical, cujo arranjo foi feito por um dos alunos do grupo, é um dos exemplos do repertório utilizado pelo coral. Nele pode-se perceber que as vozes 1 e 2 são comumente responsáveis pela melodia das músicas e pelas notas mais agudas do instrumento, enquanto as vozes 3 e 4 são responsáveis pela harmonia e base rítmica- típica do brega, nesse caso- com notas mais repetidas e um pouco mais graves, tornando-as mais simples de serem executadas.

Desse modo, percebe-se a importância de “novas mudanças para a educação no Brasil, necessidade de constante revisão nos planos gerais do conservatório, mudanças na ocupação e aparência nos espaços físicos, criação e mudança de programas dos cursos de instrumento, mudança de mentalidade.” (Cunha, 2009, p.17)

Durante o período de estágio foram realizadas inúmeras apresentações, dentre elas, destaca-se uma delas: o Concerto Didático realizado em um teatro de grande porte na cidade, por causa da variedade musical tocada, dentre elas, músicas infantis (Galinha Pintadinha, Baby Shark), carimbó e música erudita. Dessa forma, além de evidenciar a diversidade musical estudada pelo grupo, foi possível cativar o público, por meio de obras já conhecidas por eles, além de introduzir-lhes um repertório não tão comum ao cotidiano, agregando assim, novos conhecimentos.

## **Turma B: Orquestra de Cordas infanto- juvenil**

A segunda turma abordada será uma Orquestra de Cordas infanto-juvenil composta por alunos de cordas friccionadas de uma escola especializada em música. O grupo se desenvolve a partir de uma disciplina focada no desenvolvimento técnico instrumental para os alunos do curso livre em estágio inicial de aprendizado, bem como por integrantes de curso técnico com certa experiência em música orquestral. A turma é formada por 30 alunos com idades variadas entre 12 a 30 anos, com diferentes níveis de desenvolvimento técnico, os quais foram observados no período de setembro a dezembro.

### **Metodologia observada na Turma B**

Por meio de dois ensaios semanais de duas horas cada, os ensaios são ministrados por dois professores que dividem a regência da classe fazendo com que o grupo desenvolva práticas que beneficiam suas técnicas musicais. Durante o período observado, havia um procedimento de rotina em que os ensaios iniciavam com a afinação por naipe e conjunta, seguido por leitura rítmica e solfejo melódico do repertório apresentado pelos professores. Ocasionalmente, as contextualizações de cada música eram apresentadas, explicando a importância do repertório selecionado e o porquê de cada música possuir característica própria.

De acordo com Cruvinel (2003, p. 49), a partir do método coletivo, a postura do professor deve ser como a de um regente. Desde o primeiro dia de aula, os alunos devem sentir que fazem parte de uma Orquestra de Cordas. Além do professor-regente, no mínimo um outro professor deverá estar em aula para auxiliá-lo. O professor-regente conduz a aula e o professor assistente anda em sala corrigindo os alunos através do toque ou da demonstração do exemplo correto.

Por ser tratar de um grupo infanto-juvenil, os docentes buscavam formas de criar um ambiente lúdico, encorajador e saudável através do carisma e domínio da gestão da classe, que gerasse um “ambiente positivo”, conforme cita Cruvinel (2003):

O meio ambiente não deve ser entendido apenas como a referência espacial, o lugar, propriamente dito; mas o ambiente lúdico e encorajador criado pelo professor para que o aluno se expresse de maneira livre e natural. A partir dessa confiança mútua, o canal da percepção e do conhecimento estará aberto para receber vários e diferentes estímulos, fazendo com que os mesmos se consolidem em matéria expressiva (Cruvinel, 2003, p.12).

As aulas tinham como culminância de disciplina a realização de concertos. Os repertórios eram disponibilizados por meio de uma pasta digital compartilhada para todos os alunos em um grupo de comunicação coletiva, assim os integrantes da orquestra teriam a oportunidade de estudar individualmente. Em certas ocasiões, eram necessários ensaios de naipe para anotações de dedilhados, afinação coletiva e sanar dúvidas presentes.

## **Repertório da Turma B**

De acordo com os professores regentes de classe, o repertório selecionado visou desenvolver musicalmente os integrantes da orquestra mediante o desafio na execução técnica de repertórios com os quais os alunos tivessem familiaridade, bem como outros repertórios mais tradicionais da música de concerto. Assim, dentre a seleção, havia desde trilhas sonoras de filmes como também músicas do período barroco, romântico e brasileiras.

Segundo afirma Coelho (2016, p. 55), deve haver um enorme cuidado na escolha do repertório para a orquestra. O nível de dificuldade tem de ser adequado ao grupo, já que pode ser um motivo de desmotivação coletiva. Repertórios fáceis demais podem provocar o desinteresse do aluno, repertórios demasiadamente difíceis podem frustrar os alunos, podendo levar até à desistência por sentimento de incapacidade. Por outro lado, um repertório motivante, é algo que os maestros devem levar em consideração, como por exemplo, as músicas de filmes que parecem que os jovens executantes tendem a gostar bastante.

Conforme pesquisa realizada por Santos (2007), se faz importante a relação entre o aprendizado predisposto pelo docente e a realidade cotidiana do aluno. A autora diz que:

Nessa perspectiva a música ouvida pelos alunos no seu cotidiano extraescolar não pode e nem deve ser abstraída do conteúdo trabalhado na e pela escola, pelo fato de que ela pertence ao universo cultural dos alunos. O gosto deles pela música popular deve ter o direito de adentrar as salas de aula, pois é parte de sua experiência concreta e de suas motivações reais. (Santos, 2007, p. 16-17)

Portanto, a escolha do repertório é um aspecto que merece importância pedagógica no planejamento didático pautado no ensino coletivo de instrumento, pois é capaz de estimular ou desestimular, de desenvolver ou não os aspectos técnicos, e ainda, é capaz de promover maior integração e participação do aluno em seu grupo.

## Considerações Finais

Com a elaboração do presente artigo de relato de experiência, percebe-se a importância do ensino coletivo de instrumento para o desenvolvimento musical dos alunos, bem como da escolha de metodologias e repertórios que sejam adequados, de forma a estimular positivamente o estudo e o desenvolvimento dos discentes. Ademais, destacam-se certas similaridades entre a Turma A e a Turma B discutidas nos tópicos anteriores.

Quanto à metodologia, percebe-se que embora haja a intenção de aplicação de formas mais ativas de ensino-aprendizagem por meio da escolha de arranjos didáticos e também por meio de um ambiente que visa ser mais estimulante, por exemplo, ainda são observadas aplicações de metodologias mais tradicionais, com o uso de repetições, imitações e, de certa forma, centralização na figura do professor. Todavia, destaca-se que essa coexistência entre ambas as formas de ensino se mostra eficaz para o andamento dos ensaios e para a evolução individual e coletiva dos estudantes, aspectos esses observados através das apresentações públicas ocorridas ao longo do semestre.

Além disso, quanto à escolha de repertório, ambas as turmas visam o equilíbrio entre um repertório mais próximo à realidade dos alunos e outros mais desconhecidos por eles, além de variar o nível de dificuldade. Considera-se tal aspecto importante, pois segundo Dal

Zotto (2018, p. 21) a escola especializada em música é um fator determinante para a formação do repertório em ensino coletivo de música, pois possibilita a abertura dos horizontes culturais das crianças e adolescentes, de forma que a música é um elo entre as mais diversas manifestações culturais. Assim, compreende-se que essa característica se faz necessária para diversificar o conhecimento musical dos alunos, mas sem tornar o processo desmotivador e/ou frustrante para eles.

Por fim, mediante os pontos apresentados, destaca-se a necessidade de mais iniciativas de ensino coletivo de instrumento, de forma a oportunizá-las para mais indivíduos, pois se mostra essencial para o desenvolvimento de novas abordagens e técnicas, promovendo a ampliação de práticas musicais, conhecimentos e repertórios, independentemente do grau de conhecimento prévio do aluno.

## Referências

BARRENECHEA, Lucia. **A didática do ensino de instrumentos musicais: um estudo de seus aspectos tradicionais**. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 12, 2003, Florianópolis. Anais da ABEM. Florianópolis: ABEM 2003, p. 508-513.

COELHO, E. M. S. F.. **A otimização do ensaio na orquestra: um estudo de caso em contexto escolar**. (Tese de doutorado). Lisboa: Universidade Nova Lisboa. 247 f. 2017.

CRUVINEL, F. M. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social**. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

CUNHA, Elisa da Silva. **Compreender a escola de música como uma instituição: um estudo de caso em Porto Alegre –RS**. 2009. 234f. Tese de (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

DAL ZOTTO, Mario Gilvani. **A importância da música no processo de ensino e aprendizagem**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

RAMOS, Silvia N. **Música da televisão no cotidiano de crianças. Dissertação (Mestrado em Música)**—Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Cleonice dos. **Preferências musicais de alunos de 5a a 8a série da rede municipal de ensino de Curitiba: “significados da escuta”**. Dissertação (Mestrado em Educação)—Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007, p.16-17.

SILVA, Alex Araujo. **Arranjo Didático como Fator Motivacional em oficinas de prática em conjunto**. In: PSICOLOGIA DA MÚSICA E EDUCAÇÃO MUSICAL: INTERFACES, PERSPECTIVAS E AÇÕES PEDAGÓGICAS, I.2016, Feira de Santana. Feira de Santana: SENAPEM, 2016. p. 1-8.

SMALL, Christopher. **Performance as ritual: Sketch for an enquiry into the true nature of a symphony concert**. The Sociological Review, v. 34, n. 1\_suppl, p. 6-32, 1986.

STERVINO, Adeline. **Ensino conservatorial versus ensino coletivo: algumas reflexões**. In: VI ENECIM Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Anais, Salvador, 2014, p. 25-32.

SWANWICK, Keith. **Musical knowledge: intuition, analysis and music education**. London: Routledge, 1994.

TOURINHO, Cristina. **Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história**. ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, v. 16, 2007

TOURINHO, Cristina. **Aprendizado musical do aluno de violão: articulações entre práticas e possibilidades. Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Moderna, p. 77-85, 2003.